

**CORPO E EDUCAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Thiago Valim Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** A presente resenha apresenta proposições valiosas sobre a corporeidade na educação contidas no livro "Corpo e Educação: desafios e possibilidades", escritas sob vários pontos de vista, com múltiplos enfoques, que vão desde reflexões teóricas e filosóficas, perpassando pela formação docente, até o trabalho prático realizado em sala de aula, buscando, assim, colocar o corpo em seu lugar de direito no âmbito das práticas pedagógicas, uma vez que ele tem sido esquecido, subjugado e desprezado em muitas, para não dizer na maioria das salas de aula do nosso sistema escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** corpo; educação; pedagogia; práticas pedagógicas.

**ABSTRACT:** This review presents valuable propositions on corporeality in education in the book "Body and Education: Challenges and opportunities ", from several points of view, with multiple approaches, ranging from theoretical and philosophical reflections, passing the teacher training, to work practical done in the classroom, searching, thus putting the body in its rightful place in the context of teaching practices, since it has been forgotten , enslaved and despised in many, if not most of the classrooms of our school system.

**KEYWORDS:** body; education; pedagogy; pedagogical practices.

FABRIN, Filomena de Carlo Salerno; NÓBREGA, Maria Luíza Sardinha de; TODARO, Mônica de Ávila. (orgs.). *Corpo e Educação: Desafios e Possibilidades*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. 208p.

Com abordagens lúcidas e contundentes, porém ousadas e questionadoras que analisam as concepções e ações referentes ao corpo na escola e no processo das relações educacionais, a presente obra circunscreve-se como fator de enriquecimento no trato sobre o assunto, focando diferentes pontos a partir da experiência teórica e prática de renomados profissionais , de modo a propiciar um pensar mais panorâmico tangente às temáticas corpóreas no âmbito escolar, a fim de desconstruir os estigmas que ainda algemam o corpo em prol de um ensino e aprendizagem que foca apenas nos aspectos cognitivos em detrimento dos demais.

A obra, que possui um clima inovador, questionador e, por que não dizer, ousado é composta por nove capítulos, onde a tônica incide sobre a proposta de colocar o corpo em seu devido lugar de direito no que tange a práticas pedagógicas libertadoras que visam dar à corporeidade vez e voz, fazendo a defesa da valorização do corpo no processo educativo, uma vez que ele tem sido vilipendiado ao longo da História da Educação.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pelo PPGE da Universidade Nove de Julho - SP. Especialista em Psicomotricidade Clínica e Relacional, bem como, em Educação Infantil e Neurociências. Pedagogo, professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na prefeitura de São Paulo. E-mail: thiagovalim.oliver@hotmail.com.

O primeiro capítulo intitulado "O Movimento na Escola: Para Além das Aulas de Educação Física" foi escrito por Filomena de Carlo Fabrin (Psicóloga, Pedagoga, Mestre em Educação, Psicomotricista, professora da Universidade Nove de Julho, e membro do grupo de pesquisa "Manifestação da Cultura Corporal" - CNPq). Ela defende a promoção de uma educação de corpo inteiro em todas as áreas do saber, possibilitando a expressividade e o aprendizado pela via da linguagem corporal, de forma a emancipar a escola da logocentricidade que ainda a assombra.

Fabrin (2014) enfatiza que a mente não existe sem o corpo e que as ações motrizes dão origem às diversas inteligências. Além disso, pontua que o movimento é inerente ao ser humano em sua complexidade. Outro ponto importante defendido é o de que a manifestação e o uso da corporeidade deve ir muito além dos momentos específicos da Educação Física. Na verdade, segundo a autora, a valorização do corpo deve estar presente em toda a rotina escolar.

Assim, a autora visa despertar no professor o desafio de construir um olhar mais sensível para "ler" os corpos do seu aluno, a fim de perceber suas necessidades, dentre elas, especialmente, as motrizes e lúdicas, com o intuito de oferecer uma educação de qualidade por meio de jogos diversos, do brincar, da dança, da música, do teatro e da reorganização do espaço físico, sempre objetivando o desenvolvimento integral do educando.

O capítulo 2 "Formação Corporal de Pedagogos e Pedagogas de Teatro: Meu Caminho Sou Eu Quem Faço" , tem como autora Lucia Maria Salgado dos S. Lombardi (Mestre, Doutora e licenciada em Educação Artística pela USP, docente do curso de Pedagogia da UFSCAR e pesquisadora/vice-líder do GPAP - Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia).

Ela vale-se da contribuição de vários teóricos, especialmente de Rudolf Laban (1879-1958) para abordar o tema do corpo e do movimento na formação de pedagogos tendo por base os saberes da Pedagogia do Teatro, que pode favorecer o desenvolvimento da consciência e da sensibilidade sobre si, sobre o outro e sobre o ambiente, além de estimular reações sensoriais e faculdades intelectuais que ampliam o conceito da corporeidade a partir de experiências pautadas na liberdade de expressão pessoal e coletiva.

Por meio desta bagagem vivencial oriunda da Pedagogia do Teatro, através de experiência corporais em sua formação, o futuro profissional da educação recebe um melhor preparo para o trabalhar com as linguagens expressivas na infância, sendo algo de suma importância para a prática docente.

A autora ressalta que muitos professores reproduzem ações repressoras, pois, durante muito tempo, a formação do pedagogo partiu de concepções racionalistas-instrumentais. A

Pedagogia do Teatro favorece práticas que envolvam o ser humano em toda a sua complexidade, partindo de vivências que tocam o educando e o despertam para novas aprendizagens.

No capítulo três "O Corpo Como Sede de Signos e Significados", Maria Luiza S. de Nóbrega (Doutora em Geociências pela USP, Mestre em Educação pela UNICAMP, professora na Universidade Nove de Julho e na rede estadual paulista, líder do grupo de pesquisa "Manifestação da Cultura Corporal" - CNPq), questiona a educação militarizada e a falta de problematização pedagógica quanto aos corpos infantis e seus movimentos.

Segundo a autora, muitas vezes, a movimentação é interpretada como manifestações de indisciplina, sendo que a falta dela pode revelar apatia, recolhimento e intimidação, demonstrando que alguma coisa não vai bem. Para tratar do assunto, apresentou sua experiência como docente de uma turma de quarta série em 2010, afirmando que o corpo da criança é um signo da comunicação educacional que carece de interpretação e reflexão por parte do professor.

Nóbrega (2014) indaga se essa tal de "indisciplina" não é uma forma de rebelião em prol de uma gestão mais flexível do espaço intra-classe, tendo em vista os que as ações pessoais e sociais, contemporaneamente, são mediadas pela informática, que trouxe um novo modo mais horizontal de se relacionar. Amparada em Vygotsky, explora conceitos sobre signo, significado e mediação e termina sua explanação textual com propostas para uma sala de aula mais dinâmica e interativa.

"O Corpo que Dança na Escola" - capítulo 4, de Antonio Sergio Milani (Mestre em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu, professor universitário, bailarino e coreógrafo profissional, diretor da CORPORARTE, pesquisador e palestrante), retrata que a dança, durante muito tempo, foi proibida pela igreja e mal vista pela sociedade.

Por isso, as instituições de ensino têm sido refratárias ao ato de dançar, tendo em vista que ao longo do tempo foi construída uma visão escolar fragmentária no tocante à corporeidade, que parte do paradigma cartesiano que dicotomiza a mente e o corpo, privilegiando mais o primeiro aspecto, isto é, o cognitivo, onde as "disciplinas" corroboram com a "retalhação" do desenvolvimento humano e do conhecimento, dando à Educação Física, aos esportes e as demais práticas sociais corpóreas um caráter mais instrumental.

Milani (2014), contrariando esta perspectiva, propõe a inserção e a valorização da dança na escola, ancorando seu discurso na fenomenologia de Merleau-Ponty e na teoria da complexidade de Morin. Assim como Lombardi (2014) no capítulo dois, explora os conceitos de Rudolf Laban, buscando apresentar pressupostos de ações educacionais interdisciplinares que envolvam a dança e a filosofia do corpo na educação.

O autor indica como engendrar este tipo de trabalho, abordando desde a fase do planejamento até a execução de uma aula dançante, em que baila-se prazerosamente o Corpo com "C" maiúsculo. Destaca-se seu suplicioso apelo: "*Professores, não afastem as pessoas de seus Corpos. Ensinem e aprendam a dançar*" (p. 99).

A educadora Mônica de Ávila Todaro (Doutora em Educação e Mestre em Gerontologia pela UNICAMP, professora na Universidade Nove de Julho e líder do Grupo de Pesquisa "Pedagogia do Corpo" - CNPq), no capítulo cinco, "Formação Inicial de Docentes: o Diário Como Instrumento de Ação Didática na Busca da Conscientização Corporal", compartilha a sua experiência na formação corporal de futuros educadores e discute sobre relatos oriundos deste processo de conscientização corpórea, que se dava, inclusive, por meio de diários escritos pelos discentes do curso de Pedagogia da instituição em que atua.

De acordo com Todaro (2014), esse tipo de atividade tem por objetivo favorecer a liberdade, a reflexão e o autoconhecimento da corporeidade, na qual os estudantes vão conquistando e percebendo, paulatinamente, a sua emancipação corporal e também observando e acompanhando criticamente o decorrer desse processo, tendo em vista a constituição de uma identidade docente pesquisadora do próprio corpo, que consiga compreender melhor a si e ao outro.

Esse exercício é fundamental, tendo em vista que muitos professores não têm experiências com o corpo significativas, devido ao processo de "descorporalização" ao qual os cidadãos ocidentais são, na maioria das vezes, submetidos, minimizando as suas percepções sensoriais e suas expressividades afetivas.

No capítulo seis - "Encantar a Educação Pela Corporeidade", do professor da PUC de São Paulo, José J. Queiroz (Doutor em Direito pela Universidade Pontifícia São Tomás de Aquino de Roma, Mestre em Filosofia e Teologia pela Faculdade São Tomás de Aquino de Bolonha e graduado em Filosofia e Direito), questiona-se sobre o porquê do desencanto que tanto alunos, quanto professores têm em relação à educação nos dias de hoje, trazendo à luz para esta discussão argumentos de educadores, filósofos e poetas que contestam as práticas docilizadoras, domesticadoras e militares da escola que minimizam o *ethos* escolar a estigmas de aridez e repetição, sendo vista, inclusive, por alguns como uma instituição de fingimento e de farsa.

Dentre os fatores de desencanto, estão a marginalização do corpo e a separação conhecimento/afeto, que corroboram para o mal estar da educação, educação esta que ainda privilegia práticas verbalistas, unilaterais e cognitivista em um processo caracterizado pela submissão do corpo.

Queiroz (2014), então, conclama à reflexão aprofundada para a superação desse *status quo*, apontando que uma das vias possíveis para a melhoria da ação educacional é a valorização da corporeidade, uma vez que: "*Não dar atenção ao corpo já é uma forma de rejeitá-lo*" (p. 140).

No capítulo sete, "Do Corpo à Corporeidade na Educação Formal: Mudança Paradigma", escrito por Wagner Wey Moreira (Doutor em Educação e Livre Docente pela UNICAMP, Mestre em Educação e Educador Físico pela UNIMEP, Pedagogo e professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro), debate-se sobre o paradigma newtoniano-cartesiano, ainda hegemônico no universo escolar, cuja perspectiva vai da soma das partes para se conhecer o todo, o que o autor chama de metodologia do "Jack Estripador".

Nesse tipo de educação, a imobilidade corporal impera nas aulas, que são dadas sob o clima de solenidades religiosas, como se fosse para não atrapalhar o depósito de conhecimentos fragmentados. Para discutir esse quadro, Moreira (2014) lança mão dos pensamentos de Edgar Morin e Merleau-Ponty, defendendo uma educação para e da corporeidade, que se encaminhe mesmo que tenha que trilhar pela sendas da incerteza.

O autor defende que a convivência, a corresponsabilidade, o compromisso e o respeito só são realmente adquiridos em uma educação onde o corpo possa participar plenamente do processo de aprendizagem, de modo que a corporeidade não seja tratada apenas como um mero conceito, mas como um paradigma norteador que leve os indivíduos a viverem a abundância de sua existencialidade, tendo em vista que a existência é algo inacabado que requer novas e constantes interrogações.

Já no capítulo oito - "Imagem Corporal: Uma Imagem Pela Compreensão do Corpo ", de José Carlos de Freitas Batista (Doutor em Educação Física pela UNICAMP, Mestre em Educação, Educador Físico e professor/diretor do Departamento de Educação da Universidade Nove de Julho), faz-se abordagens que tratam sobre a questão da imagem corporal, que constitui-se como uma autoconstrução dialética, social, paulatina e constante sobre o próprio corpo, que, inclusive, delimita e define o nosso campo perceptivo.

A elaboração da noção de corpo próprio estrutura-se especialmente na fase da infância e projeta-se numa permanente evolução dialética que vai desde o nascimento até a morte. Para Batista (2014), é necessário e fundamental que o ser humano resgate a sua essência por meio da mudança do olhar sobre si mesmo e sobre o mundo.

O trabalho pedagógico sistemático com a imagem corporal é de fundamental importância, pois quando não somos capazes de ter uma verdadeira percepção sobre o nosso corpo, também somos incapazes de perceber o corpo do outro. Além disso, os sentimentos individuais sobre a

próprio corpo refletem os valores e ansiedades que os indivíduos têm, de forma que a imagem que se tem do próprio corpo influencia todo o comportamento humano e o processamento das informações, logo, também o aprendizado.

Finalizando o livro com o nono capítulo "Corpo e Gênero: Por que Separar Meninos de Meninas?", Flávio de Jesus Landolpho (Licenciado em História e em Pedagogia, Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho e professor dessa mesma instituição, membro do grupo de pesquisa "Pedagogia do Corpo" - CNPq) e Valéria Leme Fonseca (professora na rede municipal de São Paulo e na Universidade Nove de Julho, mestranda em Educação pela Universidade Federal de São Paulo, Educadora Física e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa "Educação, Cultura, Sociedade: Estudos Contemporâneos"), tratam a respeito (ou à falta dele) das relações de gênero na escola, que constituem-se como uma construção social e histórica, impulsionada pelos interesses ideológicos e hegemônicos da classe dominante, que supervaloriza o masculino, pretensamente por representar força e domínio, em detrimento do feminino, visto pelo meio social como sinônimo de fraqueza e submissão.

Os autores revisitam alguns aspectos marcantes da História da Educação Brasileira e desvelam como a disciplina de Educação Física tem sido usada como arma ideológica do Estado para a propagação desse tipo de preconceito.

Apresentam a possibilidade de harmonia entre os gêneros com o exemplo das relações tribais e destacam o papel de Anísio Teixeira e Paulo Freire como precursores na luta pela desconstrução desses estigmas. Para os autores, a escola deve lutar pela desconstrução dos mitos que pairam sobre as questões de gêneros. Terminam a trama textual com o apontamento de subsídios práticos em prol da igualdade entre meninos e meninas nos intra-muros escolares.

Diante do conteúdo dos capítulos, depreende-se que a obra exala pensamentos crítico-vorazes sobre a corporeidade na educação, trazendo na trama dialogal contribuições impares de profissionais com sólida formação acadêmica e/ou prática, tendo o cuidado de não apenas denunciar as práticas opressoras que relegam a dimensão corporal às margens do processo de ensino e aprendizagem, mas também indicando possíveis caminhos para ajudar o leitor a rumar na busca por novos fazeres que auxiliem na desconstrução de práticas cartezianas opressoras que dicotomizam corpo e mente, a fim de reivindicar o devido valor que a corporeidade deve assumir na formação do ser humano nesse seu eterno movimento pela busca ontológica de ser mais.